

**A representação de grupos sócio-acêntricos nas novelas: um recorte especial para as lésbicas**

**Resumo:** A Tv brasileira tornou-se, com o passar dos anos, elemento fundamental da nossa cultura, principalmente por suas novelas. Presente no imaginário do público, há, até, a ideia de que tais obras televisivas são um espelho da sociedade. Mas, que sociedade é essa que mal retrata as minorias de seu povo, como por exemplo as lésbicas? Ou então, quando o faz, coloca tais personagens em segundo plano. Considerando tal cenário, esse artigo busca analisar como é feita a representação de personagens lésbicas em novelas, o tabu do beijo lésbico, a repercussão social de tais personagens além de seu espaço na cultura, com foco especial para a Rede Globo. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em sites de novelas, redes sociais, artigos e portais de notícia. Como resultado observou-se que as lésbicas não estão sendo representadas de forma próxima a realidade e que ainda não possuem um espaço consolidado na cultura.

**Palavras-chave:** Homossexualidade, TV Globo, Em Família, beijo lésbico, cultura.

## **Introdução**

As novelas brasileiras são uma grande marca da nossa cultura e da tradição do nosso povo. Já caíram no gosto nacional e viraram tradição. Elas abordam as mais diversas temáticas, possuem um enorme leque de personagens e personalidades, além de serem muito influentes em relação a padrões comportamentais, sociais e de beleza.

As telenovelas constituem um gênero televisivo independente, sendo o mais popular e de público mais fiel, entre todos os tipos de programas veiculados na TV brasileira, chegando ao ponto de existirem programas e revistas, cadernos de jornais dedicados em parte ou em seu todo, para tratar exclusivamente sobre o assunto. Elas lideram a audiência em diferentes regiões, segmentos sociais, sexo e faixas etárias. Essa influência é tão forte que chega até mesmo nos países onde as novelas são exportadas. (REBOUÇAS, 2009, p.1)

Entretanto, essa visão de universalidade e de que esse gênero televisivo é capaz de representar a diversidade do mundo em uma tela não é totalmente verdadeira, além de ser uma ilusão perigosa. Na maior parte dos casos, os personagens ricos e bem sucedidos são interpretados por atores brancos enquanto os negros representam empregados; as protagonistas são todas muito belas e magras; os protagonistas são os consolidados galãs que a TV consagrou; casais homossexuais são quase a nota de rodapé dos enredos, isso quando estão presentes na obra.

Segundo o censo de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 60 mil casais homo afetivos foram identificados no Brasil, sendo 53% desses composto por mulheres (VIEIRA, 2012). Ainda que o número de relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo não seja tão expressivo, 0,35% das uniões no país (G1, 2014 a), visto

que a conquista de direitos jurídicos para associação desses casais é muito recente e ainda necessita de avanços, estima-se que a população de homossexuais se aproxime dos 18 milhões de pessoas (CORREIA, 2012). Ainda sim, exemplos significantes de personagens gays na teledramaturgia só começam a aparecer com mais destaque em período recente. Dessa forma, entende-se que lésbicas caracterizam-se como um grupo sócio-acêntrico, ou seja, possuem baixa representativa, nesse caso, sociocultural, independentemente da quantidade de indivíduos que compõem tal grupo. Um termo equivalente para essa designação é “grupos minorizados” (FERREIRA, 2012, p. 2)

O primeiro beijo entre mulheres em ocorreu em 1963, na TV Tupi, no teleteatro “Calúnia” (FORSTER, 1963). Na TV Globo, tradicionalíssima por suas novelas e pelo prestígio na mídia, os exemplos são raros. O primeiro casal lésbico aparece por volta de 1998, em “Torre de Babel” (ABREU; NOGUEIRA; BRASIL, 1998). Um mero selinho decepcionou as grandes expectativas do público em “Mulheres Apaixonadas” (CARLOS, 2003). O casal de “Senhora do Destino” (SILVA, 2004) sequer chegou ao selinho. Mais recentemente observou-se outro casal lésbico em “Em Família” (CARLOS; CHAVES; PERES; CAROLINA; TORRES; SABACK, 2014) e atualmente na nova novela “Babilônia” (BRAGA; BRAGA; LINHARES, 2015). É importante ressaltar que não se trata de uma falta de beijos lésbicos na TV, visto que programas de TV da MTV, por exemplo, não aparentavam possuir qualquer problema com a questão. Trata-se, na verdade, de não inseri-los nos canais, programas e horários preferidos da população brasileira, ou seja, as novelas da Rede Globo.

Para agravar esse cenário de baixa representatividade em novelas globais, mensagens de ódio e repúdio contra cenas de beijo entre mulheres em pleno horário nobre da TV brasileira circulam amplamente pelas redes sociais com a justificativa de que “vão contra a moral e a família brasileira”, “incentivam a homossexualidade”, etc., fato que, estranhamente, já parece ocorrer em menor proporção quando trata-se de um casal de homens. Cenas de assassinatos e violência familiar não parecem chocar tanto os telespectadores como o beijo gay o faz.

Por outro lado, relações lésbicas em algumas séries e filmes já podem possuir uma outra conotação. Em algumas produções, o lesbianismo é utilizado como forma de manter audiência e atrair, principalmente, o público masculino, por meio de certo fetichismo. Até em sua minoria a mulher acaba sendo sexualmente objetificada, utilizada como uma ferramenta de alavanca na popularidade/bilheteria/nos pontos de audiência para mídia.

Há quem ainda diga que são vários os exemplos relacionamento lésbico na mídia e que a comunidade LGBTT deveria inclusive sentir-se satisfeita por tanta “representação” e “apoio”. Paulo Freire afirma:

Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos [oprimidos e opressores]. Por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A “ordem” social injusta é a fonte geradora, permanente, desta “generosidade” que se nutre da morte, do desalento e da miséria. (1987, p.17).

Como consumidora de novelas, filmes e séries veiculados pela mídia, considero inaceitável ver que em pleno século XXI nem todos os grupos e tribos que integram a sociedade sejam devidamente representados midiaticamente e que não possuam seu espaço consolidado como parte da sociedade e da cultura, a fim de que possam ser promovidos debates mais profundos sobre a questão da homossexualidade e não apenas discussões rasas

sobre beijos entre pessoas do mesmo sexo. Diante desses fatos, fica clara a importância de debater sobre o assunto a fim de que barreiras criadas por tabus sejam rompidas e que o diálogo a respeito desse tema possa contribuir para a não marginalização de lésbicas ou qualquer outra minoria na sociedade. Tendo tudo isso em mente, proponho como principais objetivos desse artigo verificar se minorias, no caso as lésbicas, possuem espaço na trama de novelas em uma das principais emissoras de televisão do país (Rede Globo), como ocorre a retratação desse grupo quando está presente no enredo, além da repercussão social com a presença de casais homossexuais femininos em uma determinada telenovela com o intuito de tentar identificar se lésbicas possuem espaço próprio e consolidado na representação cultural feita por essas obras.

## **Método**

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica na internet em sites especializados em novelas, blogs, portais de notícia e artigos a fim de se construir uma linha do tempo sobre obras televisivas que tenham representado casais lésbicos em sua trama.

Por meio desse levantamento de informações preliminar chegou-se a seleção da novela “Em Família” (CARLOS; et al., 2014) para que pudesse ser mais profundamente analisada quanto às personagens homossexuais, à retratação do casal, à repercussão nas redes sociais, buscando, com esses dados, chegar a uma conclusão sobre o espaço dessa minoria na cultura de nossa sociedade, sendo necessário, para isso, outra ampla pesquisa focada especificamente nessa novela. A novela “Em Família” foi escolhida pelo contexto histórico em que se inseriu, momento em que os direitos aos homossexuais expandiram-se em relação a anos e décadas de obras anteriores e também pela quebra de muitos tabus e barreiras sociais para a discussão dessa temática, a medida que o movimento e engajamento LGBTTT tem crescido e se tornado cada vez mais atuante. As informações também foram buscadas na internet através de leituras sobre o enredo, as personagens, observação de algumas cenas chave em vídeos apenas para observar a construção das personagens (e, portanto, não foram analisadas) e a interação delas na obra, além da leitura de blogs, sites especializados em telenovelas, portais de notícias e entrevistas.

Após essa etapa, foram buscados os comentários que mostrassem a repercussão social sobre a presença da personagens no enredo, como notícias em portais de informação, matérias em blogs e buscas nas redes sociais.

Com tal seleção de informações, o artigo foi dividido primeiramente em uma abordagem mais histórica baseada na pesquisa de obras que já trataram da temática, como essa se deu e as interpretações e comentários sobre o assunto contendo como sub-tópicos as obras pesquisadas com seus respectivos panoramas e comentários. A novela “Em Família” foi analisada em um tópico a parte visando melhor estruturação da argumentação e maior facilidade de compreensão por parte do leitor. Por fim, uma discussão final sobre a representação cultural de personagens lésbicas apoiada no que foi apresentado no tópico “Em Família”

## **Trajetória das Representações Lésbicas na Televisão**

Essa trajetória será apresentada por meio da abordagem das obras “A Calúnia”, “Torre de Babel”, “Mulheres Apaixonadas”, “Senhora do Destino” e “Babilônia”.

## *A Calúnia*

O primeiro beijo gay da televisão brasileira, e que, também foi o primeiro beijo lésbico, ocorreu em 1964, no teleteatro “A Calúnia”, na Tv Tupi. O beijo protagonizado por Vida Alves e Geórgia Gomide teve um caráter “mais romântico do que erótico” (G1, 2014 b), de acordo com Vida. A atriz, que, anteriormente ao beijo em Geórgia, também foi a protagonista do primeiro beijo heterossexual da televisão, disse também em entrevista ao G1 que ambas participações tiveram certa repercussão. O beijo gay teve maior destaque, pois na época já havia videotape, o número de televisores era um pouco maior do que no trabalho anterior de Vida. Além disso, a atriz lembra que comentários como “estamos ficando extravagantes” foram proferidos na época, mas que não foram tão exagerados. Para a Vida Alves, a repercussão e o feito da cena podem depender muito do comportamento do ator ou da atriz. Ela ainda conta que na época que fez as cenas não tinha consciência da importância do que estava fazendo, chegando a ficar surpresa quando a aplaudiram em uma missa.

É interessante notar por essas palavras da própria atriz a falta de consciência e a dificuldade em enxergar a proporção de seus atos no passado. Hoje, Vida Alves é aplaudida e cumprimentada por ter dado esse primeiro passo na representação de casais homossexuais na ficção, mas na época foi algo que ela fez “sem pensar muito”. Talvez, e provavelmente, esse seja o caso de outros atores e atrizes que participaram de cenas ou enredos semelhantes. A visão de que trata-se de algo tão simples e banal por uns não dá a devida proporção de conquista que esse ato representa. Mas tudo indica que esse cenário esteja, aos poucos, se modificando.

## *Torre De Babel*

Seguindo para Torre de Babel, de 1998 na Tv Globo, o casal de lésbicas formado por Christiane Torloni e Sílvia Pfeifer chocou o público por serem mulheres bonitas, bem sucedidas, inteligentes e manterem um relacionamento homossexual estável. Nessa época, a televisão já estava muito mais difundida e presente na vida dos brasileiros, fazendo com que o alcance de público fosse maior, e consequentemente, nesse caso, o choque também. A novela sofreu forte pressão por certos grupos sociais, que ameaçaram boicotes aos patrocinadores da novela, além da organização de abaixo assinados pela Tradição, Família e Propriedade (TFP). Além da questão do homossexualismo, Torre de Babel era considerada “muito polêmica” por tentar inserir em sua trama temas como drogas, violência, casos de adultério dentro de uma mesma família, entre outros. Considerando essa guerra de moral e bons costumes desencadeada, os autores optaram por eliminar as temáticas e personagens polêmicos/“pecadores” na explosão de um shopping. Após a morte da personagem de Christiane Torloni, o par romântico da personagem se apaixonaria gradualmente pela personagem de Glória Menezes, que também havia perdido um amor (heterossexual) com a explosão do shopping. Mas a ideia de ver tamanho ícone da Tv e da família brasileira descasada, de meia idade e lésbica foi amplamente rejeitada.

Também houveram protesto por parte daquele que apoiavam o casal lésbico. Uma jornais, também lésbica, montou uma homepage pedindo a permanência do casal na trama. O presidente do Grupo Gay da Bahia, Luiz Mott, pretendia premiar a Tv Globo e a novela com um o prêmio “Oscar Triângulo Rosa”, conferido aos defensores dos direitos homossexuais na mídia, mas, ao saber da morte de uma das personagens mudou de ideia. Para Mott, a sociedade até “admite o lesbianismo entre estrelas de segunda grandeza, mas a intolerância se manifesta quando envolve uma atriz de primeira grandeza” (FOLHA, 1998). Os autores até

cogitaram a possibilidade de reinserir a personagem Rafaela na trama afirmando que haveria a possibilidade de ela não estar morta, o que acabou não sendo feito.

A fala de Mott é interessante porque elucida justamente o caso de Babilônia, atual novela das nove da Rede Globo. Ver uma atriz icônica como Fernanda Montenegro beijando outra mulher (Nathalia Timberg) logo no primeiro capítulo da nova novela das 21h foi um grande choque para o público brasileiro, que encontrou-se dividido entre mensagens de ódio e apoio às atrizes e personagens.

### ***Mulheres Apaixonadas***

As personagens Rafaela (Paula Picarelli) e Clara (Aline Moraes) formaram o casal lésbico da trama. Diferentemente do que ocorreu em Torre de Babel, a união das moças foi bem recebida pelo público, que mostrou-se cativado e incentivador da relação. As cenas do casal eram suaves e até mesmo cautelosas, provavelmente pelo receio de uma resposta tão agressiva por parte do público, como já comentado em Torre de Babel. Vale ressaltar que pesquisas realizadas com os espectadores revelavam que eles aceitavam e apoiavam o casal contanto que não houvesse beijo e/ou cenas mais quentes. Tal fato é um indicativo de que ainda que o público estivesse um pouco mais aberto para a questão, continuava muito fechado e conservador a medida que nem beijos foram admitidos, havendo apenas a representação de um mero e decepcionante selinho, no qual uma das personagens estava, inclusive, vestida de homem (interpretando o papel de Romeu em uma peça).

A abordagem é tão sutil que chega realmente a ser decepcionante porque causa a impressão de que trata-se de duas amigas muito próximas e não um casal real. Pensando no contexto da novela, ou seja, 2003, percebe-se que a visão do público brasileiro ainda era muito retrógrada e fechada. Ainda assim, o casal e a representação na época foram vistos como um verdadeiro sucesso.

Em um episódio que Clara conta a Rafaela que havia sido beijada por um homem as duas personagens levantam uma questão interessante enquanto conversam: a ideia de homens sentiam certo gosto de vitória quando beijavam mulheres lésbicas. Trata-se de um fato não apenas inventado pela obra ficcional, mas que realmente ocorre cotidianamente. Alguns homens enxergam na relação sexual uma espécie de fetiche e potencial meio de realização da fantasia do sexo a três, além de sentirem uma espécie de “desafio” em tentar conquistar ou beijar uma garota atraída por outras mulheres.

### ***Senhora do Destino***

Com aceitação maior do público, em 2004 o casal Eleonora (Mylla Christie) e Jenifer (Bárbara Borges) também sobreviveu até o fim da novela e ainda conseguiu adotar um filho. Por mais que esse cenário possa parecer extremamente positivo e avançado considerando o passado das outras personagens, é necessário uma análise mais crítica. Relações mais explícitas também não foram admitidos pelo público. A cena em que as duas personagens acordam seminuas em uma cama de um motel chocou os telespectadores.

Ao fim da novela, Jenifer e Eleonora enquadravam-se perfeitamente dentro dos moldes de relacionamento heterossexual: morando juntas e com um filho. Contudo, não podiam demonstrar fisicamente afeto como os outros casais. A repercussão entre o público ficou entre a satisfação pela visibilidade e retratação da temática e pela decepção pela discriminação e censura que o casal foi tratado. Foi desejo dos telespectadores ver as duas

mulheres como outro casal normal da trama e também que tivesse havido um beijo romântico entre as duas.

O destaque da novela vai para o fato de terem sido mostradas cenas íntimas (que não agradaram a todos) e pela questão da adoção de uma criança por um casal de orientação homossexual. Na verdade, a temática da adoção foi o maior interesse do autor do que o próprio desenvolvimento, caracterização e espaço das personagens na trama. Outro ponto importante é a cautela com que as atrizes procediam em relação ao assunto. Apesar de se dizerem contra qualquer tipo de preconceito, Bárbara Borges e Mylla Chritie não frequentavam as mesmas festas e eventos, mesmo afirmando que tal fato não tinha a ver com não quererem suas imagens associadas. Além disso, procuravam dar algumas entrevistas por e-mail e não pessoalmente. Por fim, Mylla afirmava que não tomaria partido sobre o tema, não pretendia participar de movimentos e também não quis se posicionar sobre a questão da adoção de uma criança por um casal lésbico (QUEM, 2004), o que mostra que o receio e certo tipo de preconceito não encontra-se apenas no público mas também nas próprias atrizes.

O casal de senhora do destino é muito semelhante e inspirado no de mulheres apaixonadas. Mulheres jovens, bonitas, loiras, de classe média, o chamado perfil *lesbian chic*. Não há exemplos de relacionamento interraciais ou até mesmo entre mulatas e negras, além de não se misturarem mulheres de classes sociais diferentes e muito menos um relacionamento entre duas moças pobres. Outro fato que chama atenção é a ausência de convivência em comunidades LGBTT e com outros casais que pertençam a esse grupo. É quase como se o lesbianismo fosse uma pequena gota de anil cercado por um oceano heterossexual. Como se fosse tão raro encontrar um casal em tais condições que só há a retratação de um por novela.

### ***Babilônia***

A novela que acaba de ser lançada em 2015 fez uma grande estreia causando grande repercussão social e chamando muito a atenção dos telespectadores e da mídia. Em seu primeiro capítulo, Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg protagonizam um beijo, afirmando de forma direta o casal. A inédita escolha de mulheres mais velhas, de carreiras consagradas pela Tv brasileira e queridas pela família tradicional brasileira aponta para um desejo de avanço na abordagem da temática. As próprias personagens, ao conversarem sobre seu casamento, enfatizam que estão prestes a realizar o sonho de uma vida, que só é possível no contexto atual devido aos avanços nas leis sobre uniões homo afetivas.

Apesar de todo esse panorama animador que aponta para perspectivas de um futuro melhor para esses casais na televisão, o casal de Babilônia também continua semelhante aos outros em muitos aspectos: amor idealizado, familista, de classe média e branco. Contudo, há de se aguardar o que o autor ainda pretende para a obra e as personagens, visto que a trama está apenas no começo, além de ser importante um olhar otimista e a continuação da participação ativa nas discussões, visto o que está sendo, aos poucos, conquistado.

### **Em Família**

Criada por Manuel Carlos e exibida no horário das nove de fevereiro a julho de 2014, Em Família também contou com a presença de um casal lésbico em sua trama. Giovanna Antonelli e Tainá Müller interpretaram, respectivamente, as personagens Clara e Marina.

Marina é uma fotógrafa especializada em nus, rica, bem sucedida, bonita e homossexual. Utiliza da sua beleza para conquistar a mulher que quiser, e normalmente consegue. Ela conhece Clara, uma mulher casada, que tem um filho e também é muito bonita.

A partir daí, Marina tenta se aproximar da moça o máximo que consegue na tentativa de conquistá-la, e com o tempo acaba o fazendo. Clara encontra-se muito confusa e dividida com essa situação e se diz bissexual por amar seu marido e Marina ao mesmo tempo. A trama se desenrola e as duas acabam ficando juntas, se casando ao fim da novela.

Esse pequeno resumo sobre a trajetória das moças na novela permite algumas reflexões não apenas sobre o casal em questão mas também sobre a trama. A novela *Em Família* teve menor duração do que o programado, foi encurtada, por duras críticas que vinha sofrendo. Não se sabe ao certo se o casal Clara e Marina está relacionado a essa questão. O fato é que a descoberta tardia da sexualidade de Clara e a decisão de tentar algo com a mulher que amava enquanto o marido encontrava-se gravemente doente parecem ser fatores que dificultaram o carisma por parte do público. Para muitos, foi difícil compreender a decisão de largar o modelo “família perfeita” por uma aventura com uma pessoa tão diferente do que Clara conhecia que em alguns momentos isso chega a parecer o motivo da união das duas, a curiosidade. Outro ponto que coloca muita pressão sobre o casal da obra foi a novela antecessora, “Amor à vida” (CARRASCO, 2013), na qual ocorreu o primeiro beijo não velado entre dois homens em uma novela da Rede Globo. O público ficou muito mobilizado em torno do casal gay e houve muita comemoração com a cena do beijo, o que gerou uma grande expectativa e cima do casal lésbico de *Em Família*.

Ainda assim, o casal “Clarina”, como foi chamado pelos fãs nas redes sociais, foi muito bem acolhido pela outra metade do público. Ambas as atrizes mostraram-se animadas com seus papéis e a proposta do autor, estando engajadas no objetivo de contar uma história de amor entre duas mulheres, como qualquer outro casal. O casal chegou a se beijar duas vezes durante a novela: a primeira quando Marina propõe Clara em casamento e a segunda durante o próprio casamento das duas. É interessante notar que, até então, quando ocorreram casos de beijos entre pessoas do mesmo sexo na teledramaturgia esse ato foi caso único, normalmente próximo ao fim da obra. Além disso, as duas personagens deram outro passo além: se casaram. Apesar de isso enquadrá-las nos moldes de relacionamento idealizados e heterossexuais, tal acontecimento ainda não havia ocorrido com outras personagens, que no máximo, moraram juntas ou então adotaram uma criança (o que já foi um grande passo). Ainda que a retratação do relacionamento tenha se dado nos moldes tradicionais, já garante maior consolidação e oficialização do casal. É preciso lembrar que Marina nunca fora grande defensora da monogamia, mas acabou sendo convertida para o desfecho da trama. A presença de grande parte das personagens da obra no casamento de Clara e Marina foi um indicativo de apoio ao casal, como se a sociedade estivesse fazendo o mesmo e “abençoando” a união das duas.

Se os portais de comunicação entre a Globo e seu público receberam críticas contra o casal desestimulando o beijo entre as personagens, na internet a dupla parece ter recebido grande apoio. Os fãs, principalmente do twitter, ameaçaram boicotar a audiência da novela (que já sofria problemas) caso o autor decide separar as duas moças. A Rede Globo afirma que suas novelas sofrem influência da história e do contexto em que se passam, tornando suas obras passíveis de modificações conforme a pressão popular. E dessa vez funcionou.

As mensagens carinhosas, o estímulo e apoio a casal não ficou restrito apenas a época de exibição da novela, persistindo até os dias de hoje. Existe no Facebook uma comunidade dedicada ao casal chamada “Clarinas ‘Clara & Marina’”. Lá, os fãs conversam sobre o casal, são postadas fotos e vídeos das atrizes Giovanna e Tainá e também cenas do casal na trama como forma de relembrar uma história que os membros acompanharam de perto e amaram assistir. Além disso, a administradora da página está escrevendo uma *fanfic* (do inglês *fanfiction*), ou seja, uma ficção criada por fãs, na qual o casal Clarina, evidentemente, é o protagonista. Os capítulos são gradualmente publicados na página, onde os outros fãs podem acompanhar, curtir e comentar suas impressões.

Foi criada também uma *tag* no Tumblr para o casal. Basta digitar #clarina no site que facilmente podem ser encontrados gifs, fotos e frases marcantes das personagens. São postagens normalmente delicadas, que marcaram a retratação do casal ao longo da trama. Além disso, existe um site para o casal (CLARAEMARINA, 2015) onde podem ser encontradas informações como quando as duas personagens se conheceram; fatos da trama, uma galeria de fotos de cenas importantes da novela, das atrizes e arts feitas inspiradas no casal da ficção; novidades (como uma outra página no Facebook intitulada “Clarinha e Marina”); vídeos, entre outros conteúdos.

As discussões sobre o casal gay, a repercussão e os mais diversos comentários também foram encontrados em matérias de blogs e sites especializados em novelas e até portais de informação como uol, veja, folha e G1, mostrando como a internet e esse novo contexto histórico no qual nos inserimos permite maior disseminação e discussão de temáticas importantes veiculadas em obras culturais em diversas plataformas de comunicação.

## Considerações Finais

Considerando o panorama histórico e a análise mais profunda de “Em Família” pode-se perceber que a retratação de casais lésbicos evoluiu, ainda que não esteja em um patamar ideal ou minimamente digno de ser chamado de uma representação real. Olhando para o casal de “Torre de Babel” que, literalmente, nem sobreviveu à pressão social e críticas, o casal Clarina foi muito mais feliz, principalmente por poder oficializar seu relacionamento e com o apoio das outras personagens. Mas ainda assim, críticas precisam ser feitas.

As discussões sobre a temática continuam rasas e superficiais, não ocupam o plano principal da novela, estando mais restrita ao núcleo de acontecimentos secundários da trama, e as obras continuam muito sujeitas à pressão social e à grande influência do público conservador. É bem verdade que o conservadorismo vem sendo cada vez mais combatido não apenas nas novelas, mas essa “guerra” de forças ainda não encontra-se em pé de igualdade. Não há uma intensa, profunda e séria problematização da trajetória das personagens, a descoberta de sua sexualidade, suas experiências e dificuldades de vida, os desafios que venceram ou ainda estão por superar. Esse aprofundamento sobre personagens normalmente é feito apenas com o restrito grupo dos protagonistas. Ademais, a retratação mais individual das personagens lésbicas deixa um pouco a desejar, elas são mostradas mais como a dupla, o casal, como se não pudessem ser independentes e não tivesse sua vida pessoal particular para ser mais explorada.

Além disso, é preciso relembrar o que já foi dito sobre a questão do perfil *lesbian chic*, mulheres bonitas, jovens, brancas e de classe média ou alta. Encaixar-se nesse padrão não é pré-requisito para ser lésbica, portanto, é preciso expandir a diversidade de atrizes que interpretem tais papéis para que se possa verdadeiramente representar a diversidade brasileira. Também entra nessa questão o fato dos casais se moldarem aos modelos e normas de casais heterossexuais. Não se vê nas novelas personagens LGBTT que tenham amigos desse mesmo núcleo, causando a impressão de que estão isolados na trama.

Outro ponto importante é a presença da internet não só como meio de disseminação de informações, mas também como um local de debate e encontro das mais diversas opiniões, além da mobilização de fãs nas redes sociais, dos comentaristas de twitter, etc. Toda discussão acrescenta algo e o contato com diferentes pontos de vista é uma forma de crescimento intelectual. A internet caracteriza-se como um meio mais acessível para dar voz a alguém sobre qualquer assunto, iniciar campanhas e protestar, tirando as emissoras de posições distantes do seu público, a medida que seus perfis acompanham e dão muito valor ao que os internautas andam comentando, seja como crítica ou como uma possível tendência.



Em suma, ainda que tenha-se obtido progresso, não se pode dar por satisfeito e afirmar que chegou-se a um patamar satisfatório. Há muito que se melhorar e muito o que se contar. Ter um casal lésbico em uma novela não deveria ser uma questão de “foi uma das temáticas escolhidas pelo autor”. Por que esses casais só tem que fazer parte do enredo em algumas obras? Ora, se a sociedade é tão diversa e possui os mais diferentes tipos de relacionamentos e a ficção se orgulha tanto de assemelhar-se a realidade e ser tão representativa da cultura então o mínimo que pode ser feito é a inclusão dessa e de outras minorias na trama. Portanto, não é possível afirmar que as lésbicas possuem um espaço sólido e consolidado na cultura, a medida que há uma lacuna de décadas entre o primeiro beijo lésbico e um casamento entre duas mulheres em obras televisivas, e que personagens que tem um potencial real e ficcional tão incrível sejam tão rasamente exploradas e representadas.

Visto isso, considero os objetivos dessa pesquisa cumpridos. A literatura presente na internet permitiu uma boa base para que todas as proposições fossem alcançadas sem grandes dificuldades. Informações referentes a certas novelas foram encontradas mais facilmente do que para outras, mas de forma geral o resultado foi satisfatório. Considerando o futuro, uma forma possível de continuação para esse trabalho seria analisar a novela Babilônia após seu término e futuras obras que incluam casais lésbicos em um período de 10 a 15 anos, buscando ter essa percepção do que/quanto nas representações de casais de mulheres foi modificado ao longo do tempo.

## Referências

ABREU, S.; NOGUEIRA, A.; BRASIL, B. **Torre de Babel**. [Novela]. Produção de Tv Globo, direção de Denise Saraceni. Brasil, 1998. Exibida na televisão, 203 capítulos.

BRAGA, G.; BRAGA, J. X.; LINHARES, R. **Babilônia**. [Novela]. Produção de Tv Globo, direção de Dennis Carvalho. Brasil, 2015. Exibida na televisão.

CARLOS, M. **Mulheres Apaixonadas** [Novela]. Produção de Tv Globo, direção de Ricardo Waddington, Rogério Gomes e José Luiz Villamarim. Brasil, 2003. Exibida na televisão, 203 capítulos.

CARLOS, M.; et al. **Em Família**. [Novela]. Produção de Tv Globo, direção de Jayme Monjardim e Leonardo Nogueira. Brasil, 2014. Exibida na televisão, 143 capítulos.

CARRASCO, W. **Amor à vida** [Novela]. Produção de Tv Globo, direção de Wolf Maya e Mauro Mendonça Filho. Brasil, 2013. Exibida na Televisão, 221 capítulos.

CLARAEMARINA. **Clara e Marina** – Em Família. 2015. Disponível em <<https://claraemarina.wordpress.com>>. Acesso em: 18 maio 2015.

CORREIA, N. **População gay no Brasil chega a 18 milhões e marcas ainda estão cegas para agradar consumidores**. 2012. Disponível em: <<http://blogsda gazetaweb.com.br/diversidade/?p=850>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

FERREIRA, R. A. Etnomídia: mídia e diversidade. In: **Anais ENCONTRO NACIONAL DA ULEPICC**, 4., Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: S/E, 2012. p. 3. Disponível em: <[http://ulepiccbrasil4.com.br/anais/pdf/gt5/FERREIRA\\_etnomidia\\_midia\\_e\\_diversidade.pdf](http://ulepiccbrasil4.com.br/anais/pdf/gt5/FERREIRA_etnomidia_midia_e_diversidade.pdf)>. Acesso em: 30 mar. 2015.

FOLHA. **Explosão conservadora.** 1998. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv12079814.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

FORSTER, W. **Calúnia.** [Teleteatro]. Produção TV Tupi. Brasil, 1963. Exibido na televisão.

FREIRE, P. **Pedagogia Do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

G1. **Casamentos gays representam 0,35% das uniões no Brasil, diz IBGE:** Instituto analisou pela 1ª vez união civil entre pessoas do mesmo sexo. Resolução do CNJ facilitou a realização de casamento gay em cartórios. 2014 a. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2014/12/casamentos-gays-representam-so-035-das-unioes-no-brasil-diz-ibge.html>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

G1. **'Tenho orgulho', diz atriz de primeiros beijos hétero e gay da TV no Brasil:** Vida Alves foi pioneira em cenas com ator nos anos 50 e com atriz nos 60. Ela ficou emocionada com comemoração de beijo gay de 'Amor à vida'. 2014 b. Disponível em <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2014/02/tenho-orgulho-diz-atriz-de-primeiros-beijos-hetero-e-gay-da-tv-no-brasil.html>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

QUEM. **Reportagem na íntegra: "Entre mulheres".** 2004. Disponível em: <[http://revistaquem.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/edg\\_article\\_print/1,3916,872002-2157-1,00.html](http://revistaquem.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/edg_article_print/1,3916,872002-2157-1,00.html)> . Acesso em: 23 abr. 2015.

REBOUÇAS, R. A. Telenovela, historia, curiosidades e sua função social. In: **Anais ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA**, 7., 2009, Fortaleza. Fortaleza: S/E, 2009. p. 1 - 2. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Telenovela- historia- curiosidades e sua funcao social.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

SILVA, A. **Senhora do Destino** [Novela]. Produção de Tv Globo, direção de Wolf Maya, Luciano Sabino, Marco Rodrigo e Cláudio Boeckel. Brasil, 2004. Exibida na televisão, 220 capítulos.

VIEIRA, I. **IBGE identifica 60 mil casais gays no país.** 2012. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-10-17/ibge-identifica-60-mil-casais-gays-no-pais>>. Acesso em: 01 abr. 2015.